2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 42. QUINTA FEIRA, 27 DE MAIO DE 1852. **11. ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A AGRICULTURA PROSPÉRA PELA INDUSTRIA.

Um paiz agricola de raro é desprovido de todo o commercio externo, e este commercio substitue, até certo ponto, as manufacturas indigenas, quanto ao augmento do capital, porque estabelece relações dos fabricantes do exterior com os fabricantes do interior. Mas estas relações são parciaes e mui insufficientes; primeiro, porque só recahem sobre alguns productos especiaes e não se estendem senão ao littoral e ás margens dos rios navegaveis; em segundo logar, porque são muito irregulares, e frequentemente as interrompem a guerra, as fluctuações do commercio, as providencias de alfandegas, as colheitas abundantes ou as importações de outro paiz.

O capital material do agricultor não se augmenta em grande escala, regular e indefinidamente, senão a contar do dia em que apparece no meio dos cultivadores uma industria fabril completa.

A parte mais vasta do capital material de uma nação é fixada no terreno. Deve admittir-se como principio, que tudo o que augmenta ou diminue o valor da propriedade em bens de raiz faz crescer ou minguar a massa dos capitaes materiaes da nação. Vê-se que o valor das terras de fertilidade natural é incomparavelmente maior na visinhança de uma pequena cidade que n'um districto remoto, perto de uma grande cidade que proximo a uma mais pequena, n'um paiz fabril do que n'um puramente agricola. Vemos por outro lado que o valor das casas de habitação ou das fabricas, bem como do chão para edificios nas cidades, baixa ou sobe, em geral, segundo as relações da cidade com os agricultores prosperam ou decahem. Segue-se que o augmento do capital agricola depende do augmento do capital industrial e reciprocamente.

Porém, na passagem do estado puramente agricola para o industrial, essa influencia reciproca actua com muito mais força da parte da industria fabril do que da parte da agricultura; porque, assim como em a transmissão da vida de caçador para a pastoril o crescimento do capital resulta principalmente do augmento rapido dos rebanhos, e na passagem da vida pastoril para a agricultura depende sobretudo da rapida acquisição de novas terras ferteis e da sobra de generos, tambem, quando se passa da simples agricultura á industria fabril, o accrescimo do capital material da nação é devido principalmente aos valores e ás forças empregadas nas manufacturas; porquanto, uma quantidade consideravel de forças naturaes e intellectuaes, até alli inuteis, se transformam assim em capitaes materiaes e intellectuaes. A creação das manufacturas fornece á nação o meio de collocar vantajosamente as suas economias agricolas, e é um estimulo para essas economias.

Nas assembléas legislativas da America do Norte frequentemente se tem repetido que, por falta de sahida o trigo perde-se no campo, não valendo as despezas da colheita. Affirma-se que na Hungria o lavrador afoga-se, por assim dizer, no meio da abundancia, ao passo que os objectos manufacturados custam alli tres ou quatro vezes mais do que na Inglaterra. Nos paizes meramente agricolas, todo o excedente da producção rural não constitue capital material: só com o auxilio das manufacturas se torna, pela accumulação nos celleiros, um capital commercial, e pela venda á população fabril um capital industrial. A provisão que seria inutil nas mãos dos agricultores vem a ser capital productivo nas dos industriaes, e reciprocamente.

A producção faz possivel o consumo, e o desejo de consumir excita a produzir. O paiz puramente agricola depende, quanto ao consumo, da situação dos paizes estrangeiros, e quando ella lhe não é favoravel, a producção que o desejo de consumir provocára é anniquilada. Mas, em a nação que reune no seu territorio a industria fabril e a agricultura não cessa de existir a excitação reciproca,

e portanto o accrescimo da producção continúa de ambos os lados, bem como o dos capitaes.

Sendo a nação simultaneamente agricola e fabril muito mais rica em capitaes materiaes do que a nação somente agricola, tem sempre mais baixo o premio do dinheiro, e os emprehendedores acham á sua disposição capitaes mais consideraveis, e por mais suaves condições. De tudo isto infere-se a vantagem na lucta com as fabricas recentes da nação agricola, a innundação constante de productos manufacturados na que é somente lavradora, e as suas dividas permanentes para com as nações fabricantes, e em seus mercados as repetidas fluctuações no valor dos generos, dos objectos manufacturados, e das moedas, que obstam á accumulação de capitaes materiaes, ao mesmo passo que são prejudiciaes á sua moralidade, e á sua economia interna.

NOVO SYSTEMA DE IMPRENSA PARA O FABRICO DO AZEITE, CONSTRUIDA NO CORRENTE ANNO EM CALHARIZ.

(Concluido de pag. 484.)

Para ter um azeite puro e de bom gosto, muito transparente, deverá ser colhida a azeitona quando estiver completamente madura. Transportada ao lagar limpa-se de todo o cisco, e assim mesmo fresca, quero dizer, sem ser salgada, introduz-se na estufa, onde estará submettida á acção do vapor por tempo de uma hora pouco mais ou menos, afim de ter a sua conveniente maceração. Note-se que para obter este vapor não se carece construir segunda caldeira, mas sim aproveitar o que anteriormente se perdia, fechando hermeticamente a caldeira.

Tendo adquirido o devido grau de maceração mette-se nas ceiras e collocam-se umas apoz outras em boa ordem sobre o carrinho ou imprensa movel, cobrindo-as depois com a sua tampa: principiam então a trabalhar os quatro parafusos, comprimindo as ceiras a pouco e pouco e á proporção que diminue a sahida do azeite; esta operação se deverá executar sempre de vagar.

Finda a extracção do azeite de primeira qualidade, todos os carrinhos irão passar á imprensa maior, onde mediante uma força moderada se obterá segunda qualidade de azeite que se collocará separadamente.

Segue-se a ultima operação que dá a terceira qualidade, para o que se procede do seguinte modo.

Remove-se aquella azeitona, reduzida quasi a massa pelas forças que operaram sobre ella; e como esta massa tem ainda azeite e o caroço inteiro, o qual contém um oitavo de azeite, termo medio, passa a ser moida como de costume.

De ter soffrido a azeitona duas pressões resulta outra vantagem, isto é, estando já privada de uma consideravel porção de azeite, a operação da moagem é feita em muito menos tempo; machuca-se melhor porque resiste mais aos attritos das galgas, e não foge para diante e para os lados, como acontece quando tem todo o seu azeite, em que ha dobrada perda de tempo e fica o trabalho imperfeito.

A este respeito digo que se os outros lagares ordinarios tivessem de moer duas vezes, em logar de empregar duas ou tres horas só empregariam metade do tempo.

Moida aquella massa, poem-se novamente dentro das ceiras e vae logo para a imprensa fixa, mediante a qual se extrahe na primeira porção da tarefa o azeite da terceira qualidade; na segunda porção de tempo da tarefa, em que se emprega toda a força da sobredita imprensa (que é certamente superior a qualquer outra, sem exceptuar a prensa hydraulica, e o motor animal) tira-se separadamente outro azeite da ultima qualidade, a mais inferior de todas porque a grande força faz sahir com o azeite outras substancias heterogeneas, especialmente, como disse acima, a parènchyma e a albumina, que lhe dão má côr verde-escura, e o tornam de muito menos valor.

O tempo que emprega a dita maquina em cada pressão é de hora e meia, contando o trabalho de encher e vasar as ceiras, bem como o de apertar e desapertar o que fazem dois homens, no qual tempo outros dois homens, o lagareiro e seu ajudante, executam o trabalho acima indicado. Por vezes se fez a experiencia, e sempre deu em resultado o mesmo espaço de tempo, com differença de minutos, marcado de relogio na mão. Com outros dois homens para os demais serviços secundarios da estufa e carrinhos, esta imprensa de pequeno vulto em 30 horas de trabalho de vagar (comprehendidas seis horas que reputo perderem-se por imprevistas circumstancias), e as oito referidas imprensas moveis secundarias, ou carrinhos, que cada um contém oito cestos, fabricam ao todo sessenta e quatro cestos de azeitona, extrahindo perfeitamente as mencionadas qualidades de azeite.

O estudo dos olivaes e do fabrico do azeite é muito antigo. Sendo a oliveira originaria da Asia, como se diz, foi introduzida na Europa pelos romanos quando conquistaram a Grecia, onde era cultivada e consagrada a Minerva, em rasão da sua grande utilidade. Postoque desde aquelle tempo se fizeram muitos melhoramentos neste ramo de agricultura, ainda não podemos dizer que se tenha alcançado mais do que uma limitada parte do que a rasão recommenda.

Presentemente assegura-se que o melhor azeite é o da Liguria e de Lucca. Esta distincção não póde ser motivada pela natureza do territorio ou pelo clima, porque, se assim fosse, Portugal teria a superioridade. Sendo certo que a oliveira exige um clima temperado, maxime os da Europa meridional, o azeite de Portugal deveria ser o melhor de todos; mas, se tem alguma differença do que se fabrica nos sobreditos paizes, deve ser attribuida ás causas que aponta a Sociedade Patriotica de Milão no tom. 3.º de suas Memorias, pag. 78 § 5.º nos termos seguintes. «Os bons escriptores e mesmo os factos parece terem demonstrado que a estimação do azeite de Lucca e da Liguria procede, sobretudo, da maneira de colher os fructos, e conserval-os, e de extrahir o azeite.»

A imprensa pelo novo systema de que tenho fallado, sendo collocada de um modo permanente, pois que está agora provisoriamente situada em logar apertado, proporcionará, em vez de a fazer apertar e desapertar por homens (a quem este trabalho, sendo continuado, entontece a cabeça) o poder ser-lhe applicada

a força de um boi, e ainda mais ser melhorada com uma roda chamada de Re, para desapertar com maior velocidade, e augmentando-lhe as ceiras quadradas, que não pude este anno ter por não achar quem as fizesse em tempo conveniente; mas, que são optimas pela presteza com que se enchem e manejam, de que resultará empregar muito menos tempo ainda.

Se o tempo, neste anno, tivesse dado logar a poder fazer-se o trabalho logo ao principio da colheita, ganhar-se-iam seguramente, em 300 moeduras de azeitona que a exm.ª casa ducal fez aqui no sul pelo antigo systema, mais de 900 potes de azeite que a 1$000 réis produziriam 900$000 réis, e proporcionalmente podia ganhar nas outras fazendas dos arredores de Lisboa, d'Agualva, etc.

Assim tambem poderia augmentar-se a producção do azeite do paiz; sendo calculada a colheita deste anno em 60:000 pipas, se pelo novo methodo aqui recommendado se obtivesse mais a sexta parte, como deixo demonstrado, e estando o preço corrente a 50$000 réis a pipa, haveria um augmento de riqueza de nada menos de 500 contos de réis. Este calculo, baseado em experiencias seguras, mostra o lucro que póde provir ao paiz, adoptando-se o novo systema, que fica exposto.

J. GAGLIARDI.

A DEFEZA DOS PORTUGUEZES NO BRAZIL.

(Continuado de pag. 487.)

O mesmo desembargador Nunes Machado, não podendo resistir ao peso de similhantes verdades, tributou-lhes na dita sessão de 4 de julho a sua homenagem, concordando em que um dos grandes males do Brazil é a servidão.

E concluindo, para evitar prolixidade, tambem o sr. Tenreiro Aranha na sessão de 28 de julho do mesmo anno, abundando no sentido dos antecedentes oradores dizia:

« Se os caixeiros das casas de commercio do Bra-
« zil podessem ser qualificados nas tres ordens de
« guarda-livros, primeiros caixeiros e principiantes;
« se suas applicações fossem puramente ao manejo do
« commercio; se os caixeiros brazileiros podessem
« gozar dos mesmos direitos de que gozão seus con-
« cidadãos, certamente poderiamos ter muito maior
« numero do que temos presentemente. Examinando
« a sorte e a condição dos nossos caixeiros, princi-
« palmente nas casas de commercio a retalho, por
« onde de ordinario se principia, poder-se-hia reco-
« nhecer com evidencia que elles não são mais do que
« creados. Se se attender a que a constituição decla-
« rou que elles eram creados, não dando o direito de
« votar nas elaições primarias aos caixeiros que não
« fossem guarda-livros e primeiros caixeiros; se se
« attender á indole, educação, e costumes dos brasi-
« leiros, reconhecer-se-ha que, habituados a serem
« senhores, com grande repugnancia se submetteram
« á triste condição de creados. Acredita que a lei não
« poderá contrafazer a indole e costumes dos brazi-
« leiros..... Acha que esta medida (a prohi-
« bição do commercio a retalho) não deve passar;
« que as medidas de que precisamos são daquellas
« que dem as garantias necessarias aos estrangeiros
« para exercerem qualquer ramo de industria. Acre-
« dita que o commercio de retalho não deve ser ve-
« dado no estrangeiro etc. etc. »

Mas o que significa tudo isto senão o mesmo que eu disse, talvez com mais alguma clareza?

O Brazil não está em situação de exterminar desde já o terrivel cancro que o devora, e provavelmente algumas dezenas de annos se passarão antes de esse dia raiar; se é que sem se arriscar tremendo as abalos, ou mesmo sem aventurar a sua existencia como nação, elle jámais póde realisar esse exterminio, attenta entre outras difficuldades a de povoar os seus sertões de braços europeos dispostos a substituir totalmente os braços escravos. Se lá para o sul da capital do imperio essa substituição se póde ir lentamente operando, cá para o norte ella experimenta no clima formidavel resistencia.

Cumpre no entretanto á imprensa periodica esclarecida, seja qual fôr a sua crença politica, exercer aquelle grande e honroso apostolado. Cumpre-lhe não soprar o fogo da discordia e da inveja entre o rico e o pobre; não alimentar com calumnias, doestos, e crimes imaginarios o odio da população menos abastada e illustrada contra o pacifico estrangeiro que trabalha; senão prégar-lhe as doutrinas de Claudio Gerardo, aquelle mestre escóla na bocca do qual Eugenio Sue ácerca do trabalho põe tão bellas maximas; e fazer em cada cidade, villa e aldêa, plantar centenares de bandeiras, cuja unica divisa seja — ordem, trabalho e economia. — Pregue-se tambem uma e milhares de vezes não ser possivel que continue a crescer o numero dos que vivem só ás expensas do thesouro; que o paiz em toda a parte offerece melhores caminhos para chegar ás honras e á grandeza; que não é vergonhoso descender de uma familia illustre, remediada ou rica, e ir na officina do artista, ou na loja de um patrão trabalhar para ser rico; pregue-se que com trabalho, constancia e actividade, se póde um dia pelo balcão do quitandeiro, ou do logista, bem como pelas escadas de uma officina, subir ás mais brilhantes posições da sociedade, em quanto do leito da preguiça e da ociosidade em geral mui cedo se caminha para as enfermarias de um hospital, ou para o cemiterio. Repita-se incessantemente que o pae do affamado lord Peel soubera pelo trabalho e pela industria elevar seu filho a uma tal altura, que todo o mundo lho via e conhecia: que Alexandre Baring, pelas riquezas adquiridas no commercio, alcançára bastantes conhecimentos e influencia para se fazer nomear deputado, ministro, e lord Aghburston; e que mesmo no Brazil não minguam exemplos de homens que pelas vias commerciaes passaram do nada a occupar mui subidas dignidades. Evangelise-se emfim por toda a parte; acordem-se as infimas classes da inercia em que jazem; inspire-se-lhes uma ambição salutar para ellas e para o paiz, amor á ordem, ás leis, ao trabalho e á economia; corrijam-se os vicios da educação das classes mais elevadas, de geito que a mocidade, deixando de pensar que o trabalho lhe rebaixa o nascimento e a dignidade, se dedique a todas as profissões uteis; e ver-se-ha que a semente da palavra não

cahiu em terreno çafaro. Em 10, 20, ou 30 annos o Brazil se achará industrial e commercialmente assás melhorado: apresentará uma plebe mais util, industriosa e civilisada, contará muitos proprietarios brazileiros enriquecidos pelo negocio ou pela industria, isto é, muitas mais garantias de ordem, e a prosperidade altamente se manifestará por todo o imperio. E em taes circumstancias já a concurrencia de nenhuns estrangeiros poderia assustar os filhos do Brazil. Continuariam estes a supportar os incommodos que em toda a nação traz a qualidade de cidadão; mas esses incommodos seriam bem compensados pela protecção que a legislação patria forçosamente lhes havia de dar em detrimento dos mesmos estrangeiros, como succede na Inglaterra, na França, e n'outros estados.

O *Progresso* tambem louvou a *Revolução de Setembro* por haver desapprovado o procedimento dos seus conterraneos residentes no Brazil; mas do que nesta defeza deixo ponderado infere-se que se aquelle periodico lá em Lisboa aos seus compatriotas d'aquem mar dava os conselhos que o mesmo *Progresso* chama salutares, e que certamente o seriam (não os li), era por ignorar que elles já ha muito faziam, e creio que sempre fizeram, o que nos taes conselhos se lhes recommendava. Os aconselhadores certamente não sabiam que os portuguezes desde a independencia não tomaram nenhuma parte nas questões politicas dos brazileiros, e que tudo quanto uma parte da imprensa contra elles a diversos respeitos ha divulgado, é completamente falso e calumnioso. Lendo em certas gazetas as queixas por um modo tão positivo e energico formadas contra os filhos de Portugal, não imaginou a *Revolução* que se podesse tão despejadamente faltar á verdade, e tratou de nos admoestar; comtudo, se atravez dessas longas, e frequentemente bem grosseiras, tiradas que nos injuriam, ella divisasse a verdade, tenho fé que estigmatisaria a feia ingratidão com que nesta terra são tratados homens que tanto para ella trabalham (o mesmo *Argos Maranhense* confessa que os portuguezes são trabalhadores), e que com a vehemencia com que usualmente falla, buscaria desaffrontal-os de tantos baldões mui a miudo escriptos com o sangue vertido pelas *sangrias largas, pelo pitiá bordão, ou pela tatajuba.*

Escreveu ainda o *Progresso.* — Não se diga que os brazileiros acham-se excluidos do commercio por se não darem a elle, por não terem para isso a necessaria aptidão. A causa é mais outra, porque para destruir esta asserção bastam esses poucos caixeiros brazileiros, *quasi todos empregados nas casas inglezas....* — Mas eu, abandonando a questão da aptidão intellectual que nunca lembrou a portuguez algum, sómente investigarei o que ha de real nas vozes — *quasi todos empregados nas casas inglezas....*

Como nunca residi nas outras cidades do littoral brazileiro, não posso como testimunha ocular dizer o que a tal respeito ahi succede; porém a calcular pelos dados que o Maranhão fornece, aquella asserção é destituida de todo o fundamento.

Na data em que o *Progresso* escrevia o artigo a que respondo, 23 de março, existiam nesta capital os mesmos estabelecimentos inglezes que hoje vemos, quero dizer, dez, incluindo uma quitanda anglo-lusa. Estas 10 casas empregam 12 caixeiros inglezes, 10 brazileiros, 10 portuguezes, e um alemão. Ora, 10 caixeiros brazileiros em casas inglezas é bem pouca cousa para em relação ao total se escrever — *quasi todos empregados nas casas inglezas.*

Das indagações a que em fins de junho e começos de julho fiz proceder, e cujos resultados, salva alguma ligeira inexactidão, pódem, julgo eu, sem receio ser acreditados, consta existirem nesta capital 512 caixeiros, sendo 343 portuguezes, 154 brazileiros (não comprehendidos os do banco), 12 inglezes, e 3 de outras nações.

Os caixeiros portuguezes acham-se repartidos como se segue.

Os estabelecimentos portuguezes occupam 189; os dos adoptivos 103; os dos brazileiros natos 29; os dos inglezes 10, e 12 os de outras nações. Dos caixeiros brazileiros servem 71 nas casas portuguezas, 44 nas dos adoptivos, 21 nas dos brazileiros natos, 10 nas dos subditos britannicos, e 5 nas de outras nações. Mas se com a gente portugueza e com os adoptivos, isto é, com os homens dos *conluios, com os rivaes combinados entre si* para desviar a mocidade brazileira do commercio, servem 115 caixeiros nascidos no imperio, e apenas uns 10 com os bretões, como se ousou dizer — quasi todos empregados em casas inglezas?.... Valia a pena de averiguar melhor estes factos para não se escreverem tamanhos absurdos.

E mais um reparo a este respeito eu devo fazer. Os estabelecimentos brazileiros com caixeiros são nesta cidade sómente 35, os quaes occupam 29 caixeiros portuguezes, e apenas 24 brazileiros. Ora, qual o motivo porque tão poucas casas brazileiras chamaram tantos caixeiros portuguezes? Achar-se-hão ellas conluiadas com os seus compatriotas para da vida commercial desviarem os seus? As asserções do *Progresso* favorecem esta illação, mas haveria nella tanto de ridiculo que ninguem ousaria sustental-a. A causa deve por tanto ser mui diversa, e talvez não leve. Se o homem em terra alheia, como o *Progresso* justamente observa, *obedecendo aos impulsos do coração não póde deixar de agazalhar de preferencia o seu patricio desvalido*, o que está na sua patria, o que tambem possue um coração, cujos impulsos devem movel-o, ha de em identicas circumstancias preferir os seus conterraneos desvalidos aos estrangeiros. Pelo que, se os brazileiros no Maranhão accommodam 29 portuguezes e apenas 24 dos seus, não é seguramente por desobediencia áquella lei, senão por não acharem entre os ultimos quem os queira servir, por encontrarem nos portuguezes menos exigencias e mais obediencia, ou por algum outro motivo plausivel.

Mas se o que aqui se passa já assaz refuta as arguições do *Progresso*, o que em Caxias acontece completamente as anniquila.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXV.

SOBRE QUEDA COUCE.

Filippe da Gama não podia consolar-se!

Desorientado pela revolução, que ía em casa do tio sabio, e coacto nas prerogativas de portuguez pé de boi, e amigo de chamar as cousas pelos seus nomes, arrepelava as bambinellas da cabelleira viuva de barbeiro, e fazia marinhar da sobrancelha para a nuca o portentoso chapéu de tres quinas, reduzido á ultima extremidade pelas violencias que choviam sobre a cópa. No auge da sua dôr, o capitão julgava-se infeliz por não ser aquillo mais do que um chapéu, e lhe faltar a veneravel pessoa do sapientissimo abbade Silva, causa dos seus desgostos; era a elle que o Sindbad portuguez fustigava em effigie, malhando implacavel sobre o casquete inoffensivo.

Apenas Lourenço Telles lhe fez a recommendação, que sabemos, o capitão investiu logo pela escada, sem dar os bons dias a ninguem; e como um raio partiu direito a S. Domingos para depositar no seio do amigo padre mestre o absyntho das suas magoas. Estar a vêr diante de si o abbade, empoleirado na erudição irritante, acastelado na gravidade insolente, e não ser senhor de lhe remetter dois ou tres chascos, de o servir de algumas duzias de piparotes!?...

Obrigado a medir os gestos e as palavras, elle homem velho, e pae de filhas casadoiras!?... Que lhe importava que uma freira namorada saísse ou entrasse para o convento; que a pedisse um conde; ou que a mettesse el-rei em casa alheia, tendo suas tantas? Porque havia de elle pagar por todos? Se o abbade era indispensavel á mesa para fazer as honras culinarias ao cadaver de um perú, ou na sala de visitas para imitar as curvetas e momices de qualquer bugio, affogassem-no de licôres, banhassem-no em aguas da rainha de Hungria, mas não pozessem a seus pés, e de mordaça na bocca ainda por cima, um homem de bem, sincero, e incapaz de o aturar callado!

Taes eram as reflexões de Filippe pelo caminho; e parece inutil accrescentar que terminavam todas em grosas de estupendas blasfemias contra o erudito investigador das bexigas doudas. No odio da sua alma, o Attila da rua das Arcas, jurava pagar-se das amarguras nas innocentes costellas do mestre de ceremonias de seu tio!

Chegando ao convento, o nosso amigo Filippe enfiou-se pela portaria, peior do que uma rebanada de vento, subiu a tres e tres os degráus da comprida escada, virou para o dormitorio novo, e com um pontapé desalmado na porta da cella de Fr. João livrou-se da canceira de bater, e da impertinencia de estar esperando.

Como vimos no penultimo capitulo, sua reverendissima achava-se de cama, de uma inflammação de garganta, capitulada como angina aguda pelo douto assistente; mas a exactidão ainda manda accrescentar que o procurador estava doente de uma queda desastrosa de amor proprio, e não da molestia que enrugava a testa, quasi suina, do Sangrado do convento.

O capitão ía tão allucinado que ao passar pelo doutor, fugiu delle como se fosse do demonio, e não lhe fez nem uma cruz! O medico, especie de esqueleto collado em pergaminho, e amortalhado em trajos funebres, arredou-se do furacão, encolhendo os hombros, e teve o cuidado de fechar a porta. Atravessando de raspão a casa aonde escrevia o frade, caíu logo sobre duas victimas o nosso amigo Filippe.

Ao escrevente assentou-lhe o tacão do çapato em cheio sobre um pé e espalmou-lho, como se o mettesse na prensa hydraulica. Ao sr. Thomé, cujo focinho assomava á porta do quarto com uma chavena de gargarejo na mão, metteu-lhe o cotovello pelo estomago, e por pouco o não crava no alisar da porta como um sapo. O escrevente, com o pé no ar e as lagrimas nos olhos, deixou caír a garrafa da tinta, e poz de luto um bacamarte theologico. O milagreiro embuxado abriu a bocca e os dedos ao mesmo tempo, e regalou um dos immensos joanetes com a tisana dulcificante, destinada aos gorgomilos do pregador.

Tendo aplanado assim a estrada, Filippe arremetteu pelo quarto, abriu a janella, que estava cerrada para não dar a claridade na vista ao doente, e assentando-lhe na barriga da perna, carregada de sinapismos, uma palmada sonora, berrou como do meio da rua:

— « Ah, mandrião! Upa! Isto são horas de estar no quente? »

Dormitava o frade, quando veio caír sobre elle o trovão das brutalidades. Mal entr'abria os olhos, sobresaltando-se com a estrepitosa entrada, um

clarão de luz cegou-lh'os de repente. Ia ageitar-se para confundir o importuno com a mais severa reprimenda, quando lhe bateu de chapa sobre o caustico a palmada do honrado amigo. O grito furioso do magoado frade achou no ar a apostrophe do capitão sobre a preguiça. Depois encararam-se alguns instantes em silencio; Fr. João escudando a perna de novo ultrage, Filippe fazendo o inventario dos vidros e garrafas de todos os formatos, que povoavam o bofete e o velador do procurador theologo.

D'ahi, apesar da molestia em um, e da quezilia no outro, desataram ambos a rir da figura em que se encontravam.

— « Quem te poz á cabeça uma seladeira? — disse o procurador.

— « Mudaste a adega para o quarto? — gritou o capitão.

— « A culpa é do patife do abbade! »

— « Foi o maldito boticario! »

— « O abbade faz caçarollas? »

— « O boticario vende vinho? »

— « Não vês que estou doente? »

— « Não reparas que venho impando? »

Tornaram a calar-se, observando-se com attenção. Filippe, tirou o chapéu, e reconheceu que os sôcos o tinham reduzido a uma pasta quasi informe, que só por grande favor do frade se elevava ás honras de seladeira. Fr. João, sepultado até aos olhos em um barrete branco, de apagador, com o pescoço enchumaçado de pannos quentes, sentia arder a perna, e torcia-se, como se lhe pozessem fogo nella.

Procurando em todo o quarto uma cadeira inutilmente, o capitão mediu com os olhos a cama, addicionou em calculo mental a sua elasticidade nautica, e formou o pullo para caír sentado em cima della. Sem lhe poder valer, o pobre Fr. João viu-o já pelo ar e fechou os olhos, invocando o divino auxilio. Pareceu-lhe, depois, que ouvia um terremoto. A cama gemeu desconjunctada; os vidros traquinaram no bofete; e o corpo de Filippe com as suas quatro para cinco arrobas bateu-lhe de pancada nas pernas e nos pés, agarrando-se com força, por cumulo de infortunios.

— « Fóra bruto, alarve! » — vociferou o frade, pondo os joelhos á bocca na exasperação do seu martyrio.

— « Sempre digo que subir a esta cama é peior do que subir ao céu sem levar escada! » — observava ao mesmo tempo o capitão, conchegando-se com suprema serenidade.

— « Isto é cem vezes penar no purgatorio! » — exclamava o padre sentado na cama e cuberto de suores frios. Ao mesmo tempo expellia o usurpador amiudando os pontapés.

— « Para que estás nesse batuque, Fr. João? Olha que isto não é de ferro — dizia Filippe. — A ti doe-te alguma coisa? Se queres, chega-me... »

— « Nada, nada, pelo amor de Deus! Não te chegues... »

— « Vê lá... »

— « Tenho visto e sentido por meus peccados... »

— « Acho-te exquisito! Aposto que não te deram de almoçar ainda? »

— « Almoçar eu? »

— « Sim, homem, tu; porque não!? E mais eu, que estou capaz de engulir uma tainha crua... »

— « Filippe, fazes-me um favor?... »

— « Dois! »

— « Não era melhor estares no chão?... »

— « Nego, padre mestre. Aqui, estou sentado, e na casa fico em pé. »

— « Mas eu é que já não posso... comtigo? » — disse o procurador em ancias.

— « Estás muito delicado! Que demonio tens? Deram-te quebranto? Acho-te celebre. Levaste grande sova, por força, Fr. João! »

— « Por meus peccados! » — suspirou o dominico, lembrando-se do seu desastre.

— « E não dizias nada ao teu amigo? Quem te fez a caridade? »

— « Tu, excommungado! » — berrou o frade, vendo as estrellas com segunda palmada do capitão na mesma barriga da perna, victima da antecedente.

— « Ora adeus! »

— « Tu, demonio! » — proseguiu a victima exacerbada — « Da primeira vez tiraste-me a pelle das pernas, da segunda fazes-me os pés n'um molho; e não contente, agora, uf! mettes-me no caixão. Deus te perdoe! »

— « Pois olha, mais leve do que eu ninguem! »

— « Só uma torre. Tens rasão, mas viraste-me os sinapismos. Sinto-os no peito do pé e nas canellas. . . . »

— « Estás de sinapismos e calas-te com isso?... Aposto que se te metteu em cabeça que tinhas gosma? Se não venho cá ficas na cama, e não almoças. Fóra d'ahi já! Upa! É pôr ao fresco! Eu te curo, deixa estar. »

— « Quem me livra deste inferno? » — gritou o frade exasperado — « Vês-me neste estado

e perguntas se estou doente? Olha para alli, bruto, aquillo são remedios! Repara neste pescoço, alarve, isto são unturas! Tenho uma angina aguda, e por tua causa um garrotilho... Queres mais?»

—«Oh lé! Então é outra musica. Das-me tu de almoçar? Olha que estou são como um pero. Pois sempre cuidei que as garrafas eram de vinho, e que tudo isso era perguiça....»

—«É que tu és mesmo um lince!»

—«Obrigado, fr. João. Estás capaz de engulir a gente!»

—«Um Lazaro é que eu estou, por tua causa, selvagem!»

—«Nada de excessos, sentido no garrotilho!»

—«A boas horas! Mas que peccado me atirou comtigo aqui?»

—«Então que queres? historias do abbade... Puzeram-me na rua, fr. João!»

—«Valha-te Deus! Vê se estará ahi fóra o meu Thomé com o gargarejo. Sinto as goellas uma braza.»

—«Aqui estou, reverendissimo» — acudiu o lictor sacro, desenroscando-se á entrada da porta donde escutava por entreter o tempo.

—«Dê cá. Acho-me peior!»

—«O que, sr. padre mestre?»

—«O gargarejo, idiota, o gargarejo!»

—«O gargarejo, valha-nos a Virgem Purissima!.. O sr. capitão quebrou a chavena.»

—«É falso. Eu não quebrei nada. Elle é que a deixou caír...»

—«Não se lembra de me entalar na porta?»

—«Pois sim, mas foi v. mercê, não foi a chicara.»

—«O caso é que o remedio foi-se! — disse o padre com um suspiro. — Peço-te encarecidamente, Filippe...»

—«Outro gargarejo? Prompto! O que tu precisas é um escaldão de agua a ferver e pimenta moida: é muito bom para limpar a garganta. Sei o que digo.»

—«Muito menos! Preciso que vas dar um passeio...»

—«Essa é boa. Até onde?.. Espera, mas a que horas jantas?»

O procurador esgasiou os olhos, attonito com a pergunta.

—«Eu não janto homem!» — replicou tremulo de cholera,

—«Fazes mal; pois eu janto. Conta comigo. Ao meio dia em ponto é a tua hora do costume. Nada de acepipes. Olha: uma perdiz e duas empadas de rôlas gordinhas...»

—«Um dardo, um demonio! — berrou o procurador com impeto. — O selvagem vê-me ás portas da morte, e diverte-se a picar-me com alfinetes!.. Queres morcela de Arouca, pasteis de Santa Clara e bolo de Evora? Sem ceremonia! chegaste mesmo em occasião propicia.»

Esta ironia arrebatou o capitão que tomava tudo a serio, ou como é mais provavel, que fingia enganar-se por seu interesse. Saltando do leito abaixo, correu á cabeceira, e abriu os braços para apertar estremosamente a fr. João, dizendo:

—«Falta só o vinho, e a orelha de porco assada, aquella orelhinha que nós sabemos. Demais o teu beliche é largo, chega bem para dois. Os garrotilhos não se pegam.»

Á palavra garrotilho, o dominico que já se espavoria com as disposições estrategicas do aboletamento, arripiou-se e sentiu ameaços de uma convulsão nervosa. Pareceu-lhe que se tapava mais a garganta, e que a respiração principiava a interromper-se. A ira e o medo ainda deram mais veneno ás suas ironias.

—«É verdade: os garrotilhos não se pegam; matam! Visto isso vens disposto a passar por cá uns tempos? Tenho-te de cama e mesa?..»

—«Dois, tres, quatro dias! É mais um enfermeiro de graça que Deus te manda. Fr. João não posso parar em casa; refugio-me na tua cella, como aquelle heroe de Roma, que o padre Vicente dizia, o Carolano, Crialino, ou... como demonio era o nome delle, tu ha des saber? Um que veio com os Valeques depois e queria dar pontapés na patria?..»

—«Volscos, selvagem!»

—«Isso mesmo. É uma patifaria da seresma do abbade; mas não haja duvida; tem esta bengala mais certa no corpo, do que tu o garrotilho... Até logo. Não esqueça a orelhita de porco e o vinho do Porto. Adeus. Saude e frio para enrijar!»

—«Thomé, prohibo-lhe que torne a abrir a porta ao capitão! — gritou o frade apenas Filippe saiu. — A segunda allusão ao garrotilho tinha-o fulminado. — Faça o que lhe mando se me não quer morto. Chamem o medico. Aquelle demonio foi a tumba que veio aqui.»

—«Mas o sr. capitão vae entrando, nunca espera...» — observou Thome compungido.

—«Se entrar ponha-o fóra.»

—«E se elle me der?»

— « Leve, faça o que entender... O que me resta é acabar de um garrotilho, molestia da minha antipathia. »

— « Sabbado de Nossa Senhora é amanhã! Dizem que é tal e qual como o garrote que o anno passado vi dar ao castelhano... »

— « Cale-se, tremebundo! Não esteja com tolices! Um garrotilho... »

— « É mal que se não cura, reverendissimo! »

— « Peior! » — berrou o frade tremendo todo.

— « Por signal pessoas cheias, com muito sangue, como o padre mestre, passam por serem mais atreitas,.. Mas não nos assustemos, o Menino Deus ha de fazer um milagre. Bem lho tenho pedido! »

— « Pois v. mercê suppõe?.. » — acudiu o padre espavorido e não tendo animo de concluir.

— « Eu nada, reverendissimo. É verdade que o medico hontem receiava uma apoplexia... »

— « Uma apoplexia?.. — exclamou fr. João sentando-se na cama cheio de terror. — Elle receia isso? »

— « Depois das sangrias de hontem menos!.. Mas a sua teima é que v. reverendissima está nutrido e tem sangue de mais... Fallou no dia setimo e torceu o nariz... »

— « Torceu o nariz, amh? » — repetiu o procurador, varado.

— « E gostei pouco de lhe ver a cara... »

— « Então desconfia elle... » — perguntou o dominico soffocado.

— « Fallou de mortes repentinas... de pessoas que tem passado a melhor vida como passarinhos de um instante para o outro. Mas ha de ser erro seu! »

— « Falle-me sem rodeios: — disse o frade em voz sumida — o medico pediu-lhe que me fosse dispondo, não é isso?.. receia muito, não espera? »

— « Espera, reverendissimo! Espera tudo, espera de mais até!.. sómente não responde por um garrotilho ou por uma apoplexia. O padre mestre sente-se peior? »

— « Nada! o medico e o enfermeiro curaram-me! » — murmurou desfalecido o procurador. Depois metteu a cabeça debaixo da roupa e entrou a suspirar. Na realidade o dilemma era para gelar de horror.

Assim envolto nas dobras da roupa, como Cesar na volta da capa, o padre mestre já sentia ferver nos miollos a terrivel congestão, que ia ser o seu espectro, graças á simplicidade velhaca do sr. Thome das Chagas. Em dois segundos sommou fr. João as dores vagas, as indigestões, e enxaquecas da sua vida, e concluiu que mesmo de aço o cerebro devia de estar usado e gasto. Passou dahi á autopsia moral, contou as vigilias, memorou as fadigas de espirito, os cuidados e os excessos de estudo e de reflexão, e tirou a consequencia logica de que vivendo cincoenta annos tinha vivido quatro idades bucolicas e duas idades rasoaveis. No fim de cada um dos raciocinios apparecia-lhe sempre o medico e a apoplexia.

Se fechava os olhos via tochas, pingos de cera e pannos de caixão. Se os abria as recordações do mundo causavam-lhe uma saudade tal, que sentia vontade de chorar. Era cruel este supplicio, penado entre os frios de uma constipação forte e as picadas de uma angina benigna, tão benigna que foi rebelde aos esforços do medico para a fazer perigosa. O esculapio tentava vincular debalde na garganta do padre mestre o morgado que seus pais lhe não legaram!

O sr. Thome de joelhos e mãos erguidas estava diante do crucifixo que o procurador tinha na cella. O milagreiro resava alto, e a sua estrepitosa devoção era o complemento necessario da astucia nescia que agravara os temores do frade. De repente o escrevente idiota, acabando a tarefa de arrumar a papelada, pegou ao acaso em um livro, e principiou em voz cavernosa a divertida leitura do *Memento homo* accentuado nas inflexões mais lugubres do estilo.

É inutil dizer que a coincidencia exacerbou o pavor do padre mestre, enfraquecido pela doença e pelas copiosas sangrias do doutor. Persuadiu-se de que lhe tinham occultado até alli o perigo, e que o estavam já encommendando. Um symptoma fatal confirmava a sua afflicção. Depois de compostos pelo sr. Thome pouco ardiam na pelle os sinapismos: depois dos esforços de garganta a que o obrigara o capitão Filippe, sentia diminuidas as picadas e tomava a respiração sem difficuldade: era evidente, pois, que a gangrena partindo dos pés e das fauces em poucas horas o levaria á sepultura!

Achada esta explicação terrivel das melhoras repentinas, o padre mestre tirou a cabeça de baixo da roupa, e cuidou de pedir os sacramentos. Mas a bocca não pôde articular e os olhos ficaram espantados: desta vez com rasão! Diante de si, aos pés da cama, achou perfilada a solemne, a engomada, a eterna pessoa do abbade Silva, com a côr mais mimosa na calva, com o sorriso mais scientifico nos labios, e aquelle

abbacial chapeu de borlas verdes, e aquella japoneza bengala antiga, cada um pendente de sua mão! O que significava junto do leito da sua agonia imaginaria a apparição heroe-comica do Magriço dos eruditos?

Era um agouro, era uma boa nova? O frade não sabia o que dissesse!

Fr. João não fallava, porque se julgava morto, e os mortos não cumprimentam. O abbade, tambem se callava, porque o seu capital eram as palavras, e poupava-as como perolas; somente olhavam muito um para o outro, cedendo-se tacitamente as honras do primeiro « Salve-o Deus. »

Cançadas emfim de olhar e de esperar, as duas cabeças veneraveis abaixaram-se em ceremonia e a compasso: a do abbade com uma aurora boreal da testa até ao occipital; a do frade com o barrete phrygio de pasteleiro em derrota para a nuca: o chronista das barbas historicas, serio e taciturno como um bonzo, procurando com a vista a poltrona da hospitalidade e tirando da caixa a pitada refrigerante; o procurador com os olhos na porta do seu quarto, levando de lá até á pessoa do anachronismo sacerdotal uma interrogação, que não soffria reticencias. Entretanto o sr. Thomé resava sempre; e o escrevente repetia com enthusiasmo o « *Resurge Lasarum!* »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

SAPHO.

Soltos ao vento os cabellos,
Pendida a fronte inspirada,
Sem pranto nos olhos bellos,
Que arguem a luz odiada;
A miserrima cantora
Dessa Lesbos, onde outr'ora
Sorriu gloria, enlevo, amor,
Sapho — busca hoje na morte
Refugio aos baldões da sorte,
Um escudo ao seu furor.

Appressa, pára transida
Incertos, tremulos passos:
Quer morrer, porém a vida
Relucta em quebrar seus laços:
Pobre vida! — tam donosa
Cortal-a assim despiedosa
No seu mais puro florir!...
Sim! — de quem ama é condão:
Arrancar-se o coração,
E ao estorcel-o sorrir!...

Fremem as vagas, gemendo
De Leucate no rochedo;
Vão sumir no abysmo horrendo
D'amor o fatal segredo!...
Sapho as vê, não estremece;
Mal um suspiro fenece,
Quasi extincto, a sussurrar;
E sobre a lyra inclinada
Exhala a extrema toada,
Antes da terra deixar:

« Como surge d'aromas banhado
« N'um regaço de flores o sol;
« Espargindo o mais puro arrebol
« No horisonte a c'roar-se de luz!
« Como é lindo este alvor gorgeado
« Como a brisa nas aguas suspira
« E da terra o vergel brando espira
« Terno effluvio que enleia e seduz!...

« Ironia, ironia horrorosa!
« Brinco atroz! — Não vou eu já morrer?
« Não rebrama em cachões a ferver
« A meus pés o indómito mar?...
« Oh! morrer nesta idade viçosa!
« Oh! morrer, quando a fama reboa!
« Oh! morrer, quando a gloria nos coroa
« D'um laurel que não ha de murchar?!...

« Sim, morrer! — porque amaste, infeliz;
« Nesta terra, em que á chamma mais pura
« A vaidade, a frieza, a negrura
« Correspondem com tréda illusão!
« Vaes morrer, quando o vulgo te diz
« Com desdem entre amargo sorrir:
« — Só quer gloria, imagina sentir;
« É poeta, não tem coração!...

« Insensatos! — é o dom que invejaes,
« Como um raio — fulmina, alumia;
« Como em trevas brilhante ardentia,
« Que scintilla nos combros do mar.
« — Estes cantos transformam-se em ais,
« Que se quebram no peito insoffrido;
« E essa gloria, qual ecco perdido,
« Nunca mais a ouvirão reboar!...

« Oh! cantei, como as aves do ceu
« Ao raiar do fulgor matinal;
« Como a lympha no odoro rosal
« Melancholicos sons a tecer;
« Como a aura subtil que gemeu
« No silencio do bosque frondoso;
« Ou da vaga o desliz sonoroso,
« Quando vae sobre a praia morrer!

« Cantei... não sei porque; — era a voz d'alma,
« O perfume do amor;
« E a gloria que anhelei era uma palma
« De martyrio e de dor!...

« Agora o que te resta, pobre vate?
« Existir, olvidar?
« No peito o coração já te não bate
« Em crébro palpitar?

« Agora... a morte! — Barbara piedade
« A do golphão seria;
« Arrojando-me á vida na orphandade
« De tudo o que sentia:

« Á vida?!... E quem não sente porventura
« Vive? — Triste illusão!
« Amar, aborrecer; odio, ou ternura;
« Eis da vida o condão!

« Envolver-me no frio esquecimento,
« Como em mortalha torva;
« Antes o negro horror do passamento
« Que amor e fama absorva.

« Esquecel-o e viver!... Mas se inda o amo
« Esse que me atraiçoa!
« Se ardente o coração com grito insano
« O chama e lhe perdoa!

« Phaon! — Oh que o teu nome inda a despeito
« Acóde aos labios meus!
« Phaon! — como o cingira neste peito,
« E affrontara os ceus!

« Se terno á humilde escrava os olhos bellos
« Te dignasses volver;
« Se fosses, como outr'ora, em seus cabellos
« Rosas entretecer;

« Anhelante, em delirio, ébria, fremente
« A que matas sem dó,
« Beijára os passos teus, e a face ardente
« Escondera no pó!

« Oh vem, Phaon, sentir como palpita
« Um coração que é teu:
« Vem colmar de delicia a amante afflicta
« Restituir-lhe o ceu.

« O ceu... Ouves?... é o canto mysterioso
« Dos astros a fulgir?
« É de beijos e pranto o som mavioso,
« De gozos o carpir?

« É o empolar da vaga, como o seio
« Da virgem delirante?
« O concerto da esphera, o terno enleio
« D'um premiado amante?

« É o ceu... — O ceu?! — Que dizes, que deliras,
« Mulher de maldição?
« O ceu comtigo apura injustas iras,
« O ceu é uma irrisão!...

. . . . . .

« Morramos pois, e essa hora
« De meus destinos senhora;
« E essa lyra que inda chora,
« E esse amor que era traição!
« Pereçam!... — Tu, desgraçada,
« Nem campa te seja dada
« Nesta terra maculada
« De feroz ingratidão!....»

Calou-se: — a lyra gemeu
Ultima vez... — Para o ceu
Inda supplice volveu
Sem sperança o turvo olhar;
Nessa agonia suprêma
Que é da vida a raia extrêma,
Quando a dôr o peito aprêma
Até que o faz estalar!....

E depois... rebenta em flor
D'um tenro corpo ao pendor
O pégo, que em derredor
Estrellam circulos mil:
E o mar, ha pouco, rasgado,
Um só instante agitado,
Róla brando e descuidado
Serena vaga d'anil!....

. . . . . .

A. DE LACERDA.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Novo testimunho de consideração ao sr. conselheiro J. S. Ribeiro. — No dia 19 de abril ultimo foi appresentada ao exm.° governador civil da Madeira uma rica salva de prata primorosamente lavrada em Inglaterra, com esta inscripção em inglez:

Dedicada a s. exc.ª o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro governador civil da Ilha da Madeira etc. etc. etc. Pelos consul de S. M. Britannica, e negociantes inglezes da mesma ilha, em testemunho do muito que respeitam a pessoa, e apreciam o merecimento, delicadeza, e sempre egual bondade de s. ex.ª — Março de 1852.

A joia foi acompanhada de uma obsequiosa carta do digno consul de S. M. B. no Funchal, que vertida em portuguez tomamos do jornal a *Ordem*, que se publica naquella cidade, e egualmente transcrevemos a resposta de s. ex.ª

Consulado britannico, 19 de abril de 1852.

Illm.° e exm.° sr.

Cabe-me o agradavel dever de offerecer a v. ex.ª, e de pedir-lhe que acceite, da parte dos negociantes britannicos, residentes nesta ilha, a peça de prata que acompanha esta, como um pequeno tributo de respeito e consideração pessoal, e da appreciação do merecimento, delicadeza, e regular benignidade de v. ex.ª

Não sou eu o mais proprio para exprimir os sentimentos dos offerentes deste penhor de estima para com o caracter e comportamento de v. ex.ª; mas a minha posição impõe-me nesta conjunctura uma tarefa, que outras mãos teriam, por certo, mais satisfactoriameute desempenhado, e feito aos sentimentos daquelles mais cabal justiça. Em todo caso, porém,

não cedo a nenhum dos meus amigos e compatriotas na admiração das optimas e apreciaveis qualidades, que em tão feliz e subido gráu possue v. ex.ª, e foram parte para elles offerecerem a v. ex.ª este documento da consideração em que as teem.

Imperfeitamente executaria eu a incumbencia de que fui encarregado, se não significasse a v. ex.ª os sinceros e bons desejos dos que represento, e a ardente esperança que nutrem de que v. ex.ª continue a persistir em posição de proporcionar á sua soberana, ao seu paiz, e aos subditos de S. M. Britannica, a vantagem dos seus relevantes serviços, desfructando todas as venturas e felicidades privadas e domesticas, a que lhe dão tão bom direito sua integridade e honradez.

Tenho a honra de ser com a mais elevada consideração e respeito,

Illm.° e exm.° sr.

De v. ex.ª

Muito obediente e humilde servo.

Illm.° e exm.° sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, governador civil da Madeira etc. etc. etc. Palacio do governo no Funchal, *Geo. Stoddart.*

Illm.° sr.

Tenho a honra de accusar a recepção da obsequiosa carta, que v. s.ª teve a bondade de endereçar-me em data de hoje, acompanhando uma primorosa peça de prata, que v. s.ª e o respeitavel corpo de commercio britannico desta praça me offerecem.

Fôra mister deixar correr algum tempo, e dar logar a que diminuisse de intensidade a impressão que me domina, para acertar com expressões que pintassem vivamente a minha gratidão. Quando o coração trasborda de affectos, não está o espirito tão assocegado, que permitta dar uma forma conveniente á manifestação do pensamento.

Dividas ha, porém, cuja solução não deve ser demorada. Tal é a divida de reconhecimento em que me sinto constituido.

Embora, pois, corra o risco de ficar muito áquem dos termos do agradecimento, dou-me pressa em significar a v. s.ª, e por sua bondosa intervenção aos srs. negociantes britannicos desta praça, o alto apreço em que tomo a sua magnifica offerenda. Tanto mais honroso reputo eu esse testemunho de sympathia e de benevolencia, quanto vem das generosas mãos de illustres estrangeiros, cuja posição independente, desinteressada, e imparcial com referencia ás cousas e pessoas portuguezas, realça mais e mais o valor da espontanea manifestação de v. s.ªs

As obsequiosas expressões de v. s.ª, e a inscripção gravada na salva que me offerecem, são de tal modo lisongeiras, que talvez me enchessem de orgulho, se não attendesse a que mais acreditam a liberalidade de quem faz o presente do que o merecimento de quem o recebe.

Mas dou em todo o caso muitas graças a Deus pela ventura de haver inspirado alguma affeição aos subditos britannicos residentes na Madeira — a esses estimaveis filhos de um povo brioso e altivo, o qual a Providencia parece conservar sobre a terra, para demonstrar as vantagens da alliança entre a liberdade e a ordem — para fazer sentir o de que são capazes o amor da patria, e todas as solidas qualidades que caracterisam a nação ingleza, e a apresentam ao mundo como um modelo, ou antes, uma quasi maravilha.

Terminarei esta carta, beijando as mãos de v. s.ª e dos seus companheiros, e declarando que a minha gratidão para com todos será eterna.

Deus guarde a v. s.ª — Funchal 19 de abril de 1852. — Illm.° sr. George Stoddart, consul de sua magestade britannica. — O governador civil, *José Silvestre Ribeiro.*

Offerecimento a suas magestades e aos principes no Porto. — O sr. João Baptista Ribeiro, director da Academia Polytechnica desta cidade, tendo obtido licença de suas magestades para lhes offerecer e aos principes algumas producções do seu pincel, e sendo-lhe indicada por s. ex.ª o sr. duque de Saldanha a uma hora da tarde do dia 19 do corrente para esse fim, offereceu a sua magestade a rainha o retrato em miniatura da imperatriz rainha a sr.ª D. Carlota Joaquina, feito no Paço de Queluz em 1824.

A el-rei o sr. D. Fernando um floreiro pintado a oleo e sobre taboa, sendo todas as flores copiadas do natural.

A sua alteza o principe real uma aguia caçada no Gerez, com uma perdiz nas garras, de tamanho natural.

A sua alteza o duque do Porto um floreiro pintado do natural e em madeira, representando plantas de estufas.

Suas magestades e suas altezas mostraram-se mui penhorados com estas offertas; sua magestade el-rei disse que se collocariam na galeria real de Lisboa, e folgou com a lembrança das offertas feitas a seus augustos filhos. *(P. dos P. do Porto.)*

Improvisador italiano. — O *Sol*, de Barcelona, escreve o seguinte: — « O sr. Burdoci, de Sena, famoso improvisador que n'uma noite em Milão improvisou com assombro universal uma tragedia completa, cujo assumpto lhe foi dado ao acaso por um dos circumstantes, acaba de fazer mais uma prova de seus extraordinarios talentos no grande theatro do Lyceu.

« Segundo estava annunciado, foram depositados pelos concurrentes em uma urna numerosos themas, sobre os quaes havia de improvisar o poeta; e sendo excessivo o numero de assumptos, devia decidir a sorte. Oito ou dez foram tirados da urna por um dos espectadores; e o poeta com summa facilidade improvisou em metrificação diversa, acompanhado do piano, umas vezes declamando, outras cantando, sobre os themas seguintes, tirados á sorte: — Homenagem á memoria do Dante. — A morte do conde Ugolo ou de um de seus filhos. — Camões moribundo no hospital de Lisboa. — O amor faz passar o tempo, e o tempo faz passar o amor. — As graças andaluzes. — Ao Tasso — O Cigarrilho hespanhol, etc.

« Em todos os argumentos foi felicissimo, e sobretudo sublime na recordação sobre o Dante. O soneto, que improvisou á memoria de Camões foi de consoantes forçados que lhe deram os circumstantes, e postoque algumas rimas fossem disparatadas para o objecto serio que devia tratar, sem embargo disso sahiu

se airosamente, aproveitando os consoantes com muita opportunidade e talento. O publico applaudiu-o repetidas vezes, e ao retirar-se da scena foi victoriado com uma salva de bravos e palmas.

Trovoada.—No dia 16 do corrente rebentou sobre a povoação da Regua uma trovoada medonha, á hora que se entrava para a missa do meio dia. Um raio privou da vida um individuo por nome Antonio Pinhor, que estava na cama: sua mulher, que estava proximana da soffreu, afigurou-se-lhe ter-se disparado um tiro junto della. A centelha electrica esmigalhou as pernas a um homem de Lobrigos, que naquella occasião passava a cavallo; e causou grandissimo susto a todo o povo.

THEATRO DE S. CARLOS.

Cerraram-se por alguns mezes as portas do nosso theatro lyrico.

Toda a attenção dos *dilettanti* está agora fixada sobre a nova empreza, da qual muito se espera. Já se admitte a probabilidade de admirarmos na nossa scena uma Cruvelli, uma Alboni, um Fraschini, um De Bassini, e outras summidades do mundo lyrico. Verdade é que os desejos dos *dilettanti* vão sempre além dos recursos do nosso theatro, e por isso é de suppor que ainda desta vez elles não sejam plenamente satisfeitos.

Na sexta feira passada teve logar a ultima recita da estação. A concurrencia foi numerosissima tanto nos camarotes como na platea.

Representou-se o 2.º e o 3.º acto da *Sapho*, em que a sr.ª Sannazzaro fez brilhar, como sempre, o seu admiravel talento, e foi acolhida com applausos espontaneos e repetidos.

Deu-se tambem a bella dança *O orphão da aldeia*, que não obstante ter ido tantas vezes á scena, foi sempre vista com prazer. A sr.ª Monticelli foi vivamente applaudida no *passo a dous* com o sr. Cappon, e viu cahir a seus pés grande numero de *bouquets*, como um justo tributo prestado ao seu distincto merito artistico.

A sr.ª Sannazzaro cantou a *romanza* em francez *La mère et l'enfant*, de Donizetti, com o sentimento e a expressão dramatica, que caracterisam o canto desta joven e inspirada artista. Os *bravos* e as palmas resoaram de todos os lados; quando, porém, no fim do espectaculo a sr.ª Sannazzaro fez a sua despedida ao publico lisbonense n'uma linda *romanza*, poesia do sr. Mendes Leal, musica do sr. Guilherme Cossoul, o enthusiasmo dos espectadores não conheceu limites.

Ninguem daria mais expressão, mais força de affectos, ás seguintes strophes:

Adeus, ó nobre cidade,
Adeus, amavel nação;
Levo de vós a saudade,
Em vós deixo o coração:

Este sol que a mente inflama
Me inflama as gratas canções...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ó terra da gloria, bemdita dos ceus,
Adeus!
Lisboa, adeus!

Beijo os loiros que na frente
A tua mão me poisou;
Dal-os póde quem no Oriente
Tam bastos loiros ceifou:

Fez-te grande a nobre fama,
Nobre chamam-te as nações...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ó terra da gloria, bemdita dos ceus,
Adeus!
Lisboa, adeus!

Terra de incanto e de gloria,
Vão commigo aonde eu fôr,
No peito, a vossa memoria,
Na bocca, o vosso louvor:

Do alto genio a viva chamma
Arde em vossas tradições...
Adeus, herdeiros do Gama,
Adeus, filhos de Camões.

Ai! solo das musas, mimoso dos ceus,
Adeus!
Segunda minha patria, adeus!

Ao pronunciar este ultimo *adeus!* houve uma explosão de applausos, o palco appareceu como por incanto juncado de flores: — todos queriam saudar a sympathica artista que visivelmente impressionada por deixar um publico de quem era tão querida, derramava lagrimas de ternura, de reconhecimento e de saudade!....

A composição do sr. Cossoul foi uma feliz inspiração, digna do assumpto, e do concurso numeroso e escolhido que lhe prestava a maior attenção.

Nada faltou nesta noite para que a ovação á sr.ª Sannazzaro fosse completa. Á saida do theatro era esperada por grande numero de seus admiradores, que precedidos de uma banda de musica accompanharam, como na noite do seu beneficio, a carroagem que a conduziu até á sua residencia, ao clarão de archotes, e no meio de *vivas* e applausos enthusiasticos.

A sr.ª Sannazzaro partiu no domingo no paquete com destino a Italia, deixando entre nós as mais saudosas recordações. Ella tambem não poderá jámais esquecer Lisboa, e os muitos obsequios que recebeu de seus habitantes.

Com o maior prazer inserimos em seguida um agradecimento da distincta artista ao publico e á imprensa, pelos favores que lhe prodigalisaram.

D. R.

AGRADECIMENTO.

Carolina Sannazzaro, summamente penhorada pelas provas de apreço e sympathia que recebeu durante a sua estada em Lisboa, julga do seu dever tributar, nesta occasião da sua partida, os mais sinceros e cordeaes agradecimentos ao publico e á imprensa, pela estima e benevola protecção com que se dignaram honral-a, e de que conservará sempre as mais gratas recordações.